

CAPÍTULO UM

Cuidar

cuidar

ação de tratar de algo ou alguém; zelar
preocupar-se com ou assumir a responsabilidade de
dar atenção a; reparar ou notar

A viagem não foi pior do que ela esperava. Um comboio de Londres para Liverpool; o trajeto noturno até Dublin no barco a vapor; um lentíssimo comboio de domingo, via oeste, com destino à aldeia de Athlone.

Aguardava-a um cocheiro.

– Mrs. Wright?

Lib conhecera já uma imensidão de irlandeses, soldados sobretudo, mas isso já fora há alguns anos; daí, agora, o ouvido dela se esforçar por discernir as palavras do homem.

Ele carregou-lhe o baú de viagem até àquilo que chamou de *diligência*, um mero preciosismo irlandês para designar uma carroça puxada por um simples pônei desgrenhado. Lib instalou-se no assento preso no extremo do banco corrido de madeira, as botas pendendo demasiado próximo da roda, para seu gosto. Abriu o guarda-chuva para se proteger do chuvisco miudinho que começara a cair. Mas, pelo menos, era melhor do que o comboio apinhado e abafado, pensou.

À sua frente e do lado de lá do banco, o cocheiro encovou os ombros, as costas quase tocando nas dela, e fez estalar o chicote para o pônei arrancar.

– Vamos!

As escassas pessoas com quem se cruzou pela estrada alcatroada dos arredores de Athlone pareceram-lhe macilentas, o que Lib atribuiu à malograda dieta de batatas e pouco mais. E talvez fosse também essa a causa da manifesta falta de dentes do cocheiro.

Ele fez um comentário qualquer acerca de um morto.

– Desculpe?

– O *centro morto*, ‘nha senhora.

Lib aguardou, segurando-se contra os solavancos da carroça.

Ele apontou para o chão.

– Estamos precisamente no ponto que marca o centro do país.

Longos campos planos cobertos de folhagem escura. Uma ampla extensão de lençóis de turfa de um castanho-avermelhado; não era um facto conhecido que as turfeiras albergavam as pestes e as doenças? Ocasionais resquícios cinzentos de cabanas aqui e acolá, pobremente cobertos de folhagem. Uma paisagem longe de poder ser propriamente designada como *pitoresca*, pensou ela. Claramente, as Midlands irlandesas não passavam de uma ampla depressão rodeada de águas estagnadas, como o pequeno círculo no centro de um pires.

A carroça saiu da estrada e virou à direita, num caminho mais estreito de gravilha. Os chuviscos, batendo contra o seu guarda-chuva, tornaram-se num ribombar constante. Muitas cabanas sem janelas – Lib imaginou uma família dentro de cada uma, abrigando-se da chuva juntamente com os seus animais.

De vez em quando, lá surgia uma estreita via de acesso a uma profusão de telhados – que provavelmente formariam uma aldeia. Mas, pelos vistos, nunca a aldeia pretendida. Lib devia ter perguntado ao cocheiro quanto tempo demoraria a viagem. Mas agora nem se atrevia a fazê-lo, com receio de o ouvir responder: *Ainda nos resta um longo caminho a percorrer*.

Tudo o que a enfermeira-chefe do hospital lhe dissera fora que haviam requerido uma enfermeira certificada por um período de duas semanas para um serviço privado. Para além do salário, garantiam também todas as despesas, viagens e estadia, bem como uma atenção diária. Lib nada sabia acerca da família O’Donnell – a não ser que teria de ser suficientemente abastada para se revelar *cosmopolita* ao ponto de mandar vir diretamente de Inglaterra uma enfermeira de qualidade superior. Apenas agora lhe ocorrera perguntar-se como poderiam os O’Donnell saber se o seu paciente iria necessitar dos serviços dela por apenas uma quinzena. Ou talvez ela fosse só substituir temporariamente outra enfermeira?...

Fosse como fosse, ia ser extremamente bem paga por todos os seus *incómodos*, e o fator novidade também tinha contribuído para lhe espreitar o interesse. No hospital, a formação de Lib era tão despeitada quanto apreciada, e apenas as suas capacidades mais básicas lhe eram requeridas: alimentar e cuidar da higiene dos doentes e fazer-lhes as camas.

Resistiu ao impulso de procurar o seu relógio de bolso por baixo da capa e consultá-lo; não iria fazer o tempo avançar mais depressa e ainda se arriscava a que entrasse chuva no mecanismo.

Mais uma cabana sem telhado, afastada da estrada, com as paredes inclinadas e a céu aberto. As ervas daninhas ainda não tinham sido bem-sucedidas em cobrir esta ruína em particular. Lib conseguiu vislumbrar uma mancha de negritude através do buraco do que, em tempos, fora a porta. Um incêndio recente, pelos vistos. (Mas o que é que poderia arder nestas terras alagadas?) Ninguém sequer se tinha dado ao trabalho de desobstruir as vigas carbonizadas, quanto mais erguer e cobrir com colmo um novo telhado. Seria mesmo verdade que os Irlandeses eram impermeáveis à mudança e à evolução?

Uma mulher com uma touca imunda estava parada à beira da estrada, com um bando de miúdos por detrás dela, presos à bainha do seu vestido andrajoso. O aproximar da carroça fê-los avançar, todos de mãos estendidas como que querendo apanhar a chuva. Lib desviou o olhar, incomodada.

– A estação da fome – murmurou o cocheiro.

Mas estávamos em pleno verão. Como era possível uma tal escassez numa época destas?

Tinha as botas salpicadas de lama e gravilha, cuspidas pela roda. A carroça caíra várias vezes dentro de poças fundas, ao ponto de a fazer agarrar-se ao assento com todas as suas forças para não sair lançada lá de cima.

Mais cabanas, algumas com três ou quatro janelas. Celeiros, estábulos, currais. Uma casa de quinta com dois andares; depois, outra. Dois homens que carregavam uma carroça voltaram-se à passagem deles, e um disse qualquer coisa ao outro. Lib baixou o olhar para si própria: haveria algo de errado no modo como se vestira para

viajar? Ou, quem sabe, as gentes locais eram tão tacanhas ao ponto de pararem de trabalhar para observar a passagem de um forasteiro?

Um pouco mais acima, ela reparou num edifício com um telhado pontiagudo e uma cruz no topo, indicando claramente uma capela da Igreja Católica. Apenas quando o cocheiro parou, refreando o pônei, é que Lib percebeu que tinham finalmente chegado à aldeia – ainda que, segundo os padrões ingleses, não passasse de uma parca e miserável concentração de edifícios.

Agora, sim, consultou o relógio: pouco faltava para as nove, e o sol ainda não se tinha posto. O pônei baixou a cabeça e arrancou um tufo do chão, mastigando-o com satisfação. Esta parecia ser a única rua existente.

– Tenho ordens para a deixar na taberna-mercearia.

– Perdão?

– No Ryan's. – O cocheiro apontou com a cabeça para um edifício sem nenhum cartaz identificativo.

Algo aqui não batia certo. Estafada da viagem, Lib deixou que o homem a ajudasse a descer. Deu uma boa sacudidela ao chapéu de chuva, enrolou-o e fechou-o, apertando a presilha. Limpou a mão ao interior da capa antes de avançar para a loja de vigas baixas.

O fedor a turfa queimada atingiu-a em cheio. Para além da luz vinda da lareira acesa sob a enorme chaminé, apenas duas lâmpadas fracas, no teto, iluminavam a sala, onde uma jovem arrumava uma lata numa prateleira alta.

– Boa noite – disse Lib. – Creio ter vindo parar ao sítio errado.

– Deve ser a inglesa! – disse a rapariga num tom demasiado alto, como se Lib fosse surda. – Que tal instalar-se na sala de trás, enquanto lhe preparo alguma coisa para cear?

Lib controlou a irritação. A não existir uma estalagem decente, e não querendo – ou não podendo – a família O'Donnell acomodar em sua casa a enfermeira que contrataram, não lhe serviria de nada queixar-se agora.

Seguiu a rapariga pela porta ao lado da chaminé e viu-se numa sala pequena e sem janelas, com duas mesas. Uma delas estava ocupada por uma freira, cujo rosto mal se vislumbrava por detrás das faixas engomadas do véu. Se Lib deu por si a estremecer ligeiramente

foi apenas porque há anos que não via tal coisa; em Inglaterra, as irmãs religiosas nunca se exibiam nas suas vestes formais por receio de provocar sentimentos anticatólicos.

– Boa noite – disse, educadamente.

A freira respondeu com uma vénia profunda. Talvez os membros da ordem a que pertencia fossem desencorajados a dirigir a palavra a pessoas fora do seu credo ou, quem sabe, talvez até tivessem feito voto de silêncio

Lib sentou-se na outra mesa, ficando de lado para a freira, e aguardou. Sentiu o estômago roncar – e esperou que não demasiado alto para poder ser ouvido. Escutou um leve clique, que só podia ter surgido do interior do hábito preto: as famosas contas do rosário.

Quando finalmente a jovem empregada surgiu na sala trazendo um tabuleiro, a freira baixou a cabeça e murmurou umas palavras de graças pela refeição. Lib calculou que ela andasse nos seus quarenta e muitos, cinquenta anos, com olhos ligeiramente proeminentes e mãos carnudas de camponesa.

Foi-lhes apresentada uma estranha miscelânea de pratos: pão de aveia, couve, uma espécie qualquer de peixe.

– Esperava batatas – disse Lib à rapariga.

– É só mais um mês e vai tê-las com fartura.

Ah! Agora, Lib compreendia o porquê de esta ser a *estação da fome* na Irlanda – a colheita das batatas só teria lugar no outono.

Tudo lhe soube a turfa, mas deu por si a esvaziar o prato. Desde a sua passagem por Scutari, onde as rações das enfermeiras eram tão escassas quanto as dos homens, que Lib aprendera a não desperdiçar uma única garfada.

Ouviu barulho na loja e, de seguida, um grupo de quatro encafuou-se na pequena sala de jantar.

– Que Deus proteja as presentes – disse o primeiro homem.

Sem saber o que responder, Lib limitou-se a um aceno de cabeça.

– E a vós também.

Foi a freira quem proferiu aquilo, fazendo o sinal da cruz com uma mão na testa, peito, ombro esquerdo e direito. Depois, saiu da sala – quer fosse por se sentir saciada com a sua magra porção ou para ceder a mesa aos novos visitantes. Lib não conseguiu perceber.

Formavam um grupo barulhento, estes aldeões e respetivas esposas. Teriam já passado a tarde de domingo a beber noutra sítio qualquer? *Taberna-mercearia*. Agora, Lib entendia o termo que o cocheiro utilizara. Uma mercearia que servia bebidas alcoólicas – e, pelos vistos, refeições.

Pela conversa dos quatro, que versava um qualquer *fenómeno extraordinário* em que mal podiam crer caso não tivessem visto com os próprios olhos, Lib concluiu que teriam vindo de algum género de feira.

– São todos uma cambada de aproveitadores, digo-vos eu – afirmou um homem de barba. A mulher deu-lhe uma cotovelada, mas ele insistiu: – Estão todos à volta dela e de gatas!

– Mrs. Wright?

Lib voltou a cabeça.

O estranho, parado à porta, bateu levemente com os dedos no colete, apresentando-se:

– Dr. McBrearty.

Era o nome do médico dos O'Donnell, recordou-se ela. Levantou-se para lhe apertar a mão. Patilhas brancas e desgrenhadas, e muito pouco cabelo em cima. Casaco amarrotado, ombros polvilhados de caspa e uma bengala de castão. Andaria nos seus setenta, talvez.

Os camponeses e as mulheres fixavam-no com expressão interessada.

– Que gentileza da sua parte ter viajado de tão longe – observou o médico, como se Lib estivesse ali numa mera visita de cortesia e não no exercício das suas funções. – Custou-lhe muito, a travessia? Se, por acaso, já terminou... – prosseguiu, sem lhe dar oportunidade de resposta.

Ela seguiu-o de volta até à loja. A rapariga ergueu uma lamparina e subiu à frente, conduzindo-os por uma escada estreita.

O quarto era apertado. O baú de viagem de Lib ocupava quase todo o espaço no chão. Seria suposto ela ter um tête-à-tête com o Dr. McBrearty aqui? Não haveria mais nenhum quarto livre? Ou seria a rapariguinha demasiado rude para tratar das coisas com mais polidez?

– Muito bem, Maggie – disse o médico à jovem. – Como tem andado o teu pai, da tosse?

– Melhor.

– Quanto a nós, Mrs. Wright... – dirigiu-se a Lib assim que a jovem os deixou, fazendo-lhe um gesto para ocupar a única cadeira existente.

Lib teria dado tudo para poder ter desfrutado previamente de dez minutos sozinha, no quarto, de modo a servir-se do bacio e do lavatório. Suspirou baixinho. Os Irlandeses eram famosos pela sua falta de maneiras e delicadeza.

O médico apoiou-se na sua bengala.

– A senhora é de que idade, se me permite a pergunta?

Então, ainda teria de se submeter a uma entrevista no local, se bem que já lhe tivessem garantido que o emprego era seu...

– Ainda não completei os trinta, doutor.

– Viúva, não é assim? Decidiu enveredar pela enfermagem quando deu por si... enfim, entregue aos seus próprios recursos?

Estaria McBrearty a querer confirmar as informações que obtivera a seu respeito pela boca da enfermeira-chefe? Ela olhou-o e anuiu:

– Menos de um ano após me ter casado.

À época, Lib lera um artigo acerca dos milhares de soldados vítimas de ferimentos de balas ou de cólera, sem ninguém que cuidasse deles. O *Times* anunciara que haviam sido angariadas sete mil libras que permitiriam o envio de um grupo de inglesas para a Crimeia, para prestarem serviços de enfermagem. Isso, pensou Lib – com algum pavor, mas também com uma certa sensação de ousadia –, estou certa de conseguir fazer. Já havia perdido tanto até ali, que pior era impossível.

Mas, agora, tudo o que se limitou a dizer ao médico foi:

– Tinha vinte e cinco anos.

– Uma *Nightingale!* – exclamou ele num tom maravilhado.

Ah! Então, a enfermeira-chefe também tinha referido esse por menor. Lib sentia-se sempre constrangida em trazer à baila o nome da grande senhora no decurso de uma conversa – e detestava o caprichoso título que se havia colado a todas quantas Miss N. formara,

como se não passassem de uma fila de bonecas moldadas à sua heroica matriz.

– Sim, tive a honra de trabalhar sob a sua supervisão em Scutari.

– Um trabalho nobre.

Pareceu-lhe perverso responder que não e arrogante dizer que sim. Ocorreu-lhe subitamente que o nome *Nightingale* poderia ter estado na origem de os O'Donnell se darem ao trabalho de fazer uma enfermeira atravessar o mar da Irlanda para tratar do seu doente. E também percebeu desde logo que o velho médico irlandês gostaria de a ouvir falar mais acerca da sua mentora, perdendo-se na sua beleza, severidade e justa indignação.

– Fui para lá inserida num grupo de senhoras enfermeiras – optou por responder.

– Ah! Como voluntária?

Ela ia precisamente esclarecer essa questão, mas a verdade é que ele a interpretara mal e Lib sentiu-se enrubescer. Realmente... porquê sentir-se minimamente embaraçada? Miss N. sempre fizera questão de as lembrar que o facto de serem pagas não lhes retirava o mérito ou o altruísmo.

– Não. No meu caso, fui para lá enviada como enfermeira registada, ou seja, *qualificada*, ao contrário da maioria das enfermeiras voluntárias comuns. O meu pai era um nobre – acrescentou, sentindo-se algo ridícula. – Não muito endinheirado, mas ainda assim um nobre.

– Ah! Estou a ver... Muito bem. E há quanto tempo trabalha no hospital?

– Fará três anos em setembro.

O que só por si já era notável, uma vez que a maioria das enfermeiras ficava lá por escassos meses – um bando de irresponsáveis que se limitavam a esfregar o chão e pouco mais, umas verdadeiras *Mrs. Gamps*¹, choramingando pelas suas rações diárias. Não que Lib tivesse sido particularmente apreciada por lá. Por várias vezes, na

¹ Célebre personagem criada por Charles Dickens, Mrs. Gamps era uma enfermeira libertina, negligente e bêbada do início da era vitoriana, anterior às reformas de ativas como Florence Nightingale. (N. da T.)

verdade, ouvira a enfermeira-chefe descrever as veteranas da campanha de Miss N. como snobes.

– Depois de Scutari, trabalhei para uma série de famílias – acrescentou – e acompanhei os meus próprios pais ao longo das suas respetivas doenças terminais.

– Alguma vez cuidou de uma criança, Mrs. Wright?

Lib sentiu-se apanhada de surpresa, mas apenas por um momento.

– Acredito que os princípios serão os mesmos. Quer dizer que o meu paciente é uma criança?

– Hum... Anna O'Donnell.

– Não fui informada quanto às suas queixas.

Ele suspirou.

Algo terminal, portanto, deduziu Lib. Mas suficientemente lento para não ter ainda levado a criança. Tuberculose, certamente, neste clima tão húmido.

– Ela não está propriamente doente, Mrs. Wright. As suas funções limitar-se-ão apenas a vigiá-la.

Um verbo curioso. *Vigiá-la*. Como aquela sinistra enfermeira de *Jane Eyre*, que mantinha a doente mental escondida no sótão.

– Quer dizer que... eu fui requisitada até aqui para... controlar uma criança?

– Não, não, simplesmente para a observar.

Mas a observação representava apenas a primeira peça do puzzle. Miss N. ensinara as suas enfermeiras a observarem atentamente, de modo a poderem identificar e suprir as necessidades dos seus pacientes. Não em termos de medicação – esse domínio pertencia aos médicos –, mas nos aspetos que ela defendia serem tão ou mais cruciais à recuperação: luz, ar, calor, higiene, descanso, conforto, alimentação e conversa.

– Se bem o entendi...

– Duvido que alguma vez venha a entender, e a culpa é minha – interrompeu-a o Dr. McBrearty, apoiando-se no lavatório como se sentisse as forças a abandoná-lo.

Lib teria oferecido de bom grado a sua cadeira ao velhote, se não receasse que o seu gesto pudesse ser tido como insultuoso.

– Não quero influenciá-la seja de que modo for – prosseguiu ele –, mas o que lhe posso dizer é que se trata de um caso extremamente atípico. Anna O'Donnell garante, ou melhor, os pais garantem que não ingere rigorosamente nenhum alimento desde o dia do seu décimo primeiro aniversário.

Lib estranhou.

– Então, estará certamente doente.

– Não com alguma doença conhecida. Pelo menos, que *eu* conheça, isso é garantido – disse McBrearty, corrigindo-se. – Ela pura e simplesmente não come.

– Refere-se a sólidos?

Lib já tinha ouvido falar nesta mania que muitas meninas modernas e refinadas tinham, agora, de se alimentar dias a fio apenas de araruta cozida ou caldo de carne.

– Nenhum alimento, seja de que género for – esclareceu-a definitivamente o médico. – Não consegue ingerir rigorosamente nada que não seja água.

Não consegue entenda-se por *não quer*, suspeitou a jovem enfermeira. A não ser...

– A pobre criança não terá alguma obstrução gástrica?

– Nada que eu tenha logrado descobrir.

– Náuseas intensas?

Lib conhecera vários casos de mulheres grávidas que ficavam demasiado nauseadas para conseguirem ingerir o que quer que fosse.

O médico abanou a cabeça.

– Ela é do tipo melancólico?

– Não, não diria isso. É uma moça sossegada, muito calada. E devota.

Ah! Então, isto podia não passar de um entusiasmo religioso, afinal. Não era um assunto médico.

– Da Igreja Católica?

O seu gesto de cabeça pareceu dizer *como é óbvio*.

Ela calculou que fossem todos virtualmente católicos, vivendo tão longe de Dublin. O próprio médico também o seria, muito provavelmente.

– Estou certa de que o doutor a terá alertado contra os perigos de jejuar – disse Lib.

– Alertei, é claro. Assim como os pais, no início. Mas Anna é inflexível.

Teria Lib cruzado um mar de lés a lés para isto, por causa de um mero capricho de uma criança? Os O'Donnell devem ter entrado em pânico no primeiro dia em que a filha virou a cara ao pequeno-almoço, tratando imediatamente de enviar um telegrama para Londres a exigir não uma simples enfermeira, mas uma das *novas enfermeiras* do tipo irrepreensível: *Mandem-nos uma Nightingale!*

– Quanto tempo passou desde o aniversário da menina? – quis Lib saber.

McBrearty afagou as patilhas.

– Foi em abril. Passaram quatro meses desde então.

Ela teria desatado à gargalhada, se não fosse a sua formação rigorosa e austera.

– Meu caro doutor, a criança estaria morta por esta altura.

Aguardou por algum sinal que revelasse concordância sobre este verdadeiro absurdo: um olhar consonante, um toque no nariz. Mas ele limitou-se a assentir:

– É, de facto, um grande mistério.

Não seria esse o termo que Lib escolheria.

– Ela está... ao menos acamada?

Ele negou com a cabeça.

– Anna anda por aí como qualquer outra rapariga da sua idade.

– A definhar, suponho?

– Ela sempre foi magra e franzina, mas não, praticamente não mudou nada desde abril.

Ele falou sinceramente, mas isto era ridículo. Os seus olhos aquosos estariam já meio cegos?

– E ainda detém plena posse das suas faculdades – acrescentou McBrearty. – Aliás, Anna exhibe uma força vital tão possante, que os O'Donnell convenceram-se de que a filha é perfeitamente capaz de viver sem comida.

– Incrível – observou Lib num tom demasiado cáustico.

– Não me surpreende o seu ceticismo, Mrs. Wright. Também eu o senti.

Senti?

– Está a dizer-me, com toda a seriedade, que...

Ele interrompeu-a, erguendo as mãos enrugadas:

– A interpretação óbvia é que se trata de uma farsa, tenho noção disso.

– Sim – disse Lib, claramente aliviada.

– Mas esta criança... não é como as outras crianças.

Ela aguardou por um maior desenvolvimento.

– Não posso *afirmar-lhe* nada, Mrs. Wright. Só tenho perguntas. Nos últimos quatro meses, tenho ardido de curiosidade. Como, estou certo, a senhora estará agora.

Não. O que Lib estava era a arder de vontade que esta entrevista terminasse e este homem lhe saísse do quarto.

– Doutor, a ciência diz-nos que viver sem alimento é impossível.

– Sim, mas, no início, não serão todas as novas descobertas, na história da civilização, estranhas e excepcionais, quase mágicas? – A voz tremeu-lhe levemente de excitação. – De Arquimedes a Newton, todos os grandes descobriram e inovaram examinando sem preconceitos a prova dos seus sentidos. Daí que tudo o que eu lhe peço é que mantenha um espírito aberto quando conhecer Anna O'Donnell, amanhã.

Lib baixou o olhar, envergonhadíssima por McBrearty. Como é que um médico se podia deixar apanhar no jogo de uma simples rapariguinha e, como consequência, ter ainda a ousadia de se comparar aos *grandes*?

– Se me permite a pergunta: a criança ficará em exclusivo sob os seus cuidados?

Disse aquilo o mais educadamente possível, mas o que ela queria mesmo saber era se alguma entidade mais competente já teria sido chamada.

– Ficaré, sim – disse McBrearty em tom confiante. – Na verdade, fui eu mesmo quem teve a preocupação de redigir um relatório sobre o caso e de o enviar para o *Irish Times*.

Lib nunca tinha ouvido aquele nome.

– Um jornal nacional?

– Hum, pelo menos o mais recentemente fundado. Por isso, espero que os seus proprietários sejam, digamos, menos influenciados

pelo sectarismo preconceituoso – acrescentou, esperançado. – Mais abertos ao novo e ao extraordinário, onde e como quer que possam surgir. Pensei em partilhar os factos com um público mais vasto, não concorda? Na esperança de que alguém possa vir a saber explicá-los.

– E já alguém o fez?

Um suspiro reprimido.

– Chegou-me uma série de cartas fervorosas proclamando que o caso de Anna é um milagre absoluto e inquestionável. E também algumas intrigantes sugestões de que ela possa estar a desenvolver determinadas qualidades nutritivas ainda por descobrir. Do género... magnético ou... olfativo.

Olfativo? Lib teve de morder o interior das bochechas para não sorrir.

– Um indivíduo mais ousado chegou a sugerir que ela consegue converter a luz solar em energia, como acontece com a flora. Ou até viver do ar, como fazem determinadas plantas – acrescentou, com um certo brilho no rosto enrugado. – Recorda-se daqueles marinheiros de um navio naufragado que afirmaram ter subsistido ao longo de vários meses alimentando-se apenas de tabaco?

Lib baixou o olhar para que ele não pudesse ler o escárnio na sua expressão.

McBrearty apanhou de novo o fio à meada:

– Mas a grande maioria das opiniões baseia-se em manifesto abuso pessoal.

– Da criança?

– Da criança, da família e de mim próprio. Comentários que, não só no *Irish Times* como em várias publicações britânicas, parecem ter-se apropriado do caso tendo como único objetivo a sátira.

Finalmente, Lib entendeu tudo. Tinha viajado de tão longe para desempenhar um mero serviço temporário como ama-carcereira, e tudo devido ao orgulho ferido de um médico de província. Porque não insistiu ela com a enfermeira-chefe para que a pusesse a par de todos os pormenores antes de aceitar este trabalho?

– A maioria dos correspondentes presume que os O'Donnell são vigaristas, que alimentam secretamente a filha e zombam do mundo inteiro. – A voz de McBrearty soou estridente. – O nome

da nossa aldeia tornou-se sinónimo de *ingenuidade retardada*. Muitos dos mais influentes indivíduos dos arredores de Athlone sentem que está em causa a honra do condado. E, quem sabe, da própria nação irlandesa...

Será que a credulidade do velho médico se teria espalhado, qual febre pegadiça, por estes *influentes indivíduos*?

– Daí que tenha sido formado um comité... que concluiu que a decisão mais acertada seria montar uma vigília.

Ah! Então, não tinham sido os O'Donnell a mandar vir Lib até cá, afinal...

– Com vista a provar que a criança sobrevive através de meios extraordinários? – Lib esforçou-se por disfarçar a mais leve sugestão de ironia no tom de voz.

– Não, não – garantiu-lhe McBrearty –, apenas para trazer à luz a verdade, o que quer que ela seja. Duas escrupulosas assistentes farão a vigília de Anna, por turnos, dia e noite, ao longo de uma quinzena.

Então, não fora a longa experiência de Lib em casos infecciosos ou cirúrgicos que levara a que a chamassem cá, mas apenas o rigor da sua formação. Claramente que o comité esperava, ao importar um elemento da escrupulosa nova estirpe de enfermeiras, conceder algum crédito à história louca dos O'Donnell. Tornar este charco primitivo de águas estagnadas num verdadeiro fenómeno aos olhos do mundo. A raiva fez-lhe tremer as maxilas.

Mas também sentiu um ímpeto de solidariedade para com a outra mulher aliciada para este atoleiro.

– A segunda enfermeira... Calculo que ainda não a conheça?

O médico franziu a testa, estranhando.

– Não conheceu a irmã Michael durante a ceia?

A freira praticamente muda! Lib deveria ter adivinhado. Estranho como elas assumiam os nomes de santos masculinos como que prescindindo da própria condição feminina. Mas por que razão a freira não se apresentara devidamente? Seria esse o intuito da vénia profunda com que a presenteara à sua chegada – que ela e a inglesa estavam juntas nesta trapalhada?

– Ela também foi formada na Crimeia?

– Não, não. Requisitámo-la da Casa da Misericórdia de Tullamore – retorquiu McBrearty.

Uma das *freiras caminhantes*. Lib trabalhara ao lado de várias irmãs dessa Ordem, em Scutari. Pelo menos, eram trabalhadoras afincadas e confiáveis, disse a si mesma.

– Os pais de Anna exigiram que pelo menos uma de vós partilhasse da mesma... ah...

Então, os O'Donnell tinham pedido uma católica.

– Confissão religiosa – Lib terminou-lhe a frase.

– E nacionalidade – acrescentou o médico, como que a querer atenuar a coisa.

– Estou plenamente consciente de que este país não tem amor pelos Ingleses – afirmou Lib, esboçando um sorriso apertado.

– Uma afirmação demasiado forte, essa.

Ai sim? E os olhares das gentes com quem ela se cruzara quando vinha na carroça, à chegada a Athlone? E aqueles homens tinham segredado coisas acerca dela porque já esperavam a sua chegada, percebeu isso agora. Não era apenas uma inglesa qualquer; era a que tinha sido enviada de navio para tomar conta da *mascote* do feitor deles.

– A irmã Michael irá proporcionar à menina um certo sentido de familiaridade, nada mais – disse McBrearty.

A própria ideia de que *familiaridade* era uma qualidade necessária ou sequer vantajosa a uma vigilante era, no mínimo, ridícula. Mas, quanto à segunda enfermeira, o médico optara por uma pertencente à famosa brigada de Miss N., pensou ela, para fazer tudo isto parecer suficientemente *escrupuloso*, especialmente aos olhos da imprensa britânica.

Lib pensou dizer, numa voz o mais calma possível: *Doutor, vejo que fui para cá enviada na esperança de que as minhas ligações a uma grande senhora pudessem conceder respeitabilidade a algo que não passa de uma ultrajante fraude. Não farei naturalmente parte dela. Se conseguisse partir logo de manhã cedo, poderia estar de volta ao seu hospital dali a dois dias.*

Essa probabilidade encheu-a de um desânimo profundo. Imaginou-se a si própria a tentar explicar que o trabalho na Irlanda se

tinha verificado, afinal, questionável em termos morais. A enfermeira-chefe iria bufar de raiva.

Por isso, Lib reprimiu os seus sentimentos, pelo menos para já, e concentrou-se nas questões práticas. *Simplesmente para a observar*, dissera McBrearty.

– Se, a qualquer momento, a criança expressar nem que seja o mínimo desejo, ainda que veladamente, de querer comer alguma coisa... – começou ela.

– Então, deverá satisfazê-lo! – O médico pareceu chocado. – Não estamos cá para deixar crianças passarem fome.

Ela assentiu:

– E nós, enfermeiras, apresentamos-lhe, a si, o relatório detalhado, findas as duas semanas, é isso?

Ele negou com a cabeça:

– Enquanto médico de Anna, e tendo sido arrastado para todo este aborrecimento nos jornais, poderia ser considerado parte interessada. Por isso, será perante o comité reunido que ambas irão testemunhar sob juramento.

Lib ansiava já por esse dia.

– A senhora e a irmã Michael separadamente – acrescentou, erguendo um dedo com artroses – e sem debate prévio. Queremos naturalmente ouvir os pontos de vista e as conclusões de cada uma de vós, independentemente uma da outra.

– Muito bem. Posso perguntar a razão pela qual esta vigília não é conduzida no hospital local?

A não ser que não existisse nenhum neste *centro morto* da ilha.

– Oh! Os O'Donnell preferiam morrer a deixarem a sua menina ser levada para a enfermaria do condado.

Isto só fortaleceu ainda mais as suspeitas de Lib: claro que o fazendeiro e a sua senhora queriam manter a filha dentro de casa de modo a poderem continuar a dar-lhe de comer. Não seriam necessárias duas semanas de supervisão para os apanhar em falso, concluiu.

Escolheu as palavras seguintes com cuidado, já que era claro que o médico gostava verdadeiramente da jovem farsante:

– E se, antes do final da quinzena, eu obtiver provas de que Anna

se alimentou secretamente?... Deverei desde logo apresentar um relatório ao comité?

As suas bochechas peludas engelharam-se.

– Suponho que, nesse caso, seria uma perda de tempo e de dinheiro para todos prosseguir-se com a vigília.

E, aí, Lib poderia ver-se no navio de regresso a Inglaterra numa questão de dias, mas já com este excêntrico episódio devidamente desmascarado e encerrado.

Mais: se todos os jornais do reino viessem a dar à enfermeira Wright o crédito exclusivo pela exposição de toda esta farsa, então, a equipa inteira do hospital teria forçosamente de reparar nela, de finalmente se aperceber da sua existência. Quem teria coragem de lhe chamar *snobe*, então? Quem sabe se as coisas não melhorariam bastante a partir daí, um posto mais adequado aos seus talentos, mais interessante. Uma vida menos tacanha.

Levou instintivamente uma mão à boca para disfarçar um bocejo.

– Bom, vou deixá-la – disse McBrearty. – Já faltará pouco para as dez.

Lib puxou a corrente e consultou o relógio.

– Dez horas e dezoito minutos, para ser rigorosa.

– Ah! Mas aqui estamos vinte e cinco minutos atrasados. Está ainda na hora inglesa, Mrs. Wright.

Lib até dormiu bem, dadas as circunstâncias.

O sol nascera pouco antes das seis. Nessa altura, já ela tinha envergado o uniforme do hospital: vestido cinzento de tweed, casaco de lã cardada e chapéu branco. (Pelo menos, assentava-lhe bem. Uma das muitas indignidades de Scutari eram as fardas de tamanho único; as enfermeiras baixinhas tropeçavam constantemente nas bainhas, enquanto Lib parecia uma indigente, toda apertada e com as mangas praticamente pelos cotovelos.)

Tomou o pequeno-almoço sozinha, na sala traseira da mercearia. Os ovos eram fresquíssimos; as gemas da cor do sol.

A rapariga do Ryan's – *Mary? Meg?* – usava o mesmo avental cheio de nódoas da noite anterior. Quando foi à mesa dela para a levantar,

informou-a de que Mr. Thaddeus a aguardava. E já tinha saído da sala antes mesmo de Lib poder responder que não conhecia ninguém com esse nome.

Lib entrou na loja.

– Deseja falar comigo? – perguntou ao homem que a esperava de pé. Ficou indecisa se deveria ou não acrescentar *senhor*.

– Bom dia, Mrs. Wright, espero que tenha dormido bem.

Este Mr. Thaddeus revelou-se mais bem-falante do que ela esperava, atendendo ao casaco puído que envergava. Uma tez rosada e um nariz arrebitado num rosto que pouco ou nada tinha de jovial; uma farta cabeleira negra, que brotou para fora assim que ele tirou o chapéu para a cumprimentar.

– Estou aqui para a levar até à residência dos O'Donnell, se estiver pronta.

– Mais que pronta.

Mas ele deve ter-se apercebido da nota de desconfiança na voz dela, uma vez que acrescentou:

– O nosso caro doutor considerou que deveria ser um amigo de confiança da família a proceder às apresentações.

Lib ficou confusa.

– Fiquei com a impressão de que o próprio Dr. McBrearty fosse essa pessoa.

– E será – retorquiu Mr. Thaddeus –, mas suponho que os O'Donnell depositam uma confiança especial no seu clérigo.

Um padre? Este homem apresentava-se à civil...

– Peço desculpa... Estou a falar, então, com o padre Thaddeus?

Um encolher de ombros.

– Bom, é essa a nova designação, sim, mas nós não nos preocupamos muito com esse tipo de coisas por estas bandas.

Era difícil imaginar este sujeito amistoso como o confessor da aldeia, o detentor de todos os segredos.

– Não usa o colarinho clerical ou o... – Lib apontou-lhe para o peito, desconhecendo o termo para a batina preta abotoada.

– Tenho tudo o que é necessário para os dias sagrados guardado na minha mala de viagem, naturalmente – disse ele, com um sorriso.

A repariga regressou, limpando as mãos ao avental.

– Aqui tem o seu tabaco – disse ela ao padre, dobrando os cantos de um cartucho de papel e fazendo-o deslizar pelo balcão.

– Deus te pague, Maggie. E uma caixa de fósforos, já agora. Muito bem... Irmã?

Olhava para um ponto atrás de Lib, que se voltou para se deparar com a freira ali espedada. Quando e por onde se tinha ela insinuado?

A irmã Michael assentiu para o padre e depois para Lib – com um contorcer de lábios que talvez pudesse ser considerado um sorriso. Tolhida pela timidez, calculou a enfermeira.

Por que razão McBrearty não requisitara desde logo *duas Nightingales*, enquanto tratava do assunto? Ocorreu a Lib, então, que talvez nenhuma das cerca de cinquenta outras – laicas ou religiosas – estivesse disponível num tão curto espaço de tempo. Seria ela a única enfermeira da Crimeia a não ter encontrado o seu nicho, decorrida já meia década? A única sem rumo certo, suficientemente desimpedida para morder o isco envenenado deste trabalho temporário?

Os três viraram à esquerda para descer uma rua, debaixo de um sol pálido. Pouco à vontade entre o padre e a freira, Lib agarrou com mais força a pega do seu saco de couro.

Erguiam-se edifícios de diversos ângulos, voltando costas uns aos outros. Por uma janela, via-se uma velhota sentada a uma mesa repleta de cestos – o produto artesanal de uma vendedora ambulante, concebido numa sala de estar. Não havia o menor sinal da azáfama típica das manhãs de segunda-feira que Lib sempre encontrava em Inglaterra. Passaram por um homem, carregando um saco pesado, que trocou bênçãos com Mr. Thaddeus e a irmã Michael.

– Mrs. Wright trabalhou com Miss Nightingale – observou o padre na direção da freira.

– Sim, ouvi dizer. – Segundos depois, disse a Lib: – Deve ter uma vastíssima experiência em procedimentos cirúrgicos.

Lib assentiu o mais modestamente que lhe foi possível:

– Também tivemos de lidar com bastantes casos de cólera, disenteria, malária. E, no inverno, centenas de episódios de úlceras do frio, evidentemente.

De facto, as enfermeiras inglesas em Scutari tinham dedicado muito do seu tempo a encher colchões, a mexer papas e a esfregar

roupa nos tanques, mas Lib não queria que a freira a confundisse com uma servil ignorante. Era isso que ninguém entendia: salvar vidas passava muitas vezes por ter de desentupir latrinas.

Nenhum sinal de um mercado, uma praça ou um relvado, como qualquer aldeia inglesa possuiria. A capela de um branco berrante era o único edifício com aspeto novo. Mr. Thaddeus virou à direita, mesmo antes de lá chegar, seguindo por uma vereda lamacenta que ia dar a um cemitério. As lápides enviesadas e cobertas de musgo pareciam ter sido escavadas não em filas, mas completamente ao acaso.

– A casa dos O'Donnell localiza-se fora da aldeia? – quis saber Lib, curiosa com o facto de a família não ter sido suficientemente cortês para mandar um motorista, ao invés de fazer as enfermeiras seguirem a pé todo aquele percurso.

– Fica um pouco afastada, sim – disse a freira, na sua voz susurrante.

– Malachy detém numerosas zonas rurais – acrescentou o padre.

O sol fraco exalava mais calor do que Lib poderia ter pensado; transpirava profusamente por baixo da capa.

– Quantas crianças existem em casa?

– De momento, apenas a menina, desde que Pat partiu, que Deus o ilumine – respondeu Mr. Thaddeus.

Partiu para onde? A América pareceu-lhe o destino mais provável, ou a Grã-Bretanha ou as Colónias. A Irlanda, mãe imprevidente, parecia ter embarcado metade da sua esquelética prole para o estrangeiro. Portanto... apenas dois filhos para os O'Donnell; a ela pareceu-lhe um total irrisório por aquelas paragens.

Passaram por uma velha cabana, com uma chaminé demasiado fumarenta. Um trilho estreito saía da vereda e ia dar a outra casinha. Os olhos de Lib perscrutaram o horizonte em busca de algum sinal que indicasse a propriedade dos O'Donnell. Ser-lhe-ia autorizado perguntar ao padre algo mais do que factos concretos? Cada uma das enfermeiras fora contratada para formar as suas próprias impressões. Mas, de súbito, Lib apercebeu-se de que esta caminhada poderia muito bem representar a sua única oportunidade de falar com aquele *amigo de confiança da família*.

– Mr. Thaddeus, se me permite a pergunta, o senhor pode atestar a honestidade dos O’Donnell?

Ele fez uma pausa antes de responder:

– Garantidamente, não tenho razões para duvidar dela.

Lib nunca tinha tido uma conversa com um padre católico e não conseguiu interpretar o tom de prudência deste, em particular.

Os olhos da freira mantinham-se fixos no horizonte verde.

– Malachy é homem de poucas palavras – prosseguiu Mr. Thaddeus.

– E um abstémio ferrenho.

Aquilo deixou Lib surpreendida.

– Nem uma gota desde que assumiu o Juramento, ainda antes de os filhos nascerem. A esposa é o verdadeiro farol condutor da paróquia, extremamente ativa na Irmandade da Nossa Senhora.

Estes pormenores pouco significavam para Lib, mas ela percebeu a mensagem.

– E quanto a Anna O’Donnell? – quis saber.

– Uma menina maravilhosa.

Em que sentido? Virtuoso ou excepcional? Era mais do que óbvio que a moçoila os havia encantado a todos. Lib olhou fixamente para o perfil curvo do padre.

– Alguma vez a aconselhou a recusar alimento, quem sabe, em algum tipo de exercício espiritual?

Ele ergueu as mãos em protesto.

– Mrs. Wright, poderei deduzir que não partilha da nossa fé?

Escolhendo cuidadosamente as palavras, Lib respondeu:

– Fui batizada na Igreja Anglicana.

A freira pareceu observar atentamente um corvo que voava por ali. Queria manter-se afastada da conversa para evitar uma possível *contaminação*?

– Bom – disse Mr. Thaddeus –, posso garantir-lhe que aos católicos é pedido que jejem apenas por algumas horas... como, por exemplo, desde a meia-noite da véspera da Santa Comunhão até à manhã seguinte. Também nos abtemos de comer carne às quartas e sextas-feiras, bem como durante a Quaresma. O jejum moderado reprime as ânsias do corpo, entende? – acrescentou num tom casual, como se estivesse a falar do tempo.

– Ou seja, a apetência pela comida?

– Entre outras.

Lib baixou os olhos para o solo lamacento debaixo das suas botas.

– Também expressamos sofrimento pelas agonias de Nosso Senhor ao partilhá-las, por pouco que seja – continuou ele –, daí que o jejum possa ser considerado uma penitência proveitosa.

– Quer dizer que, se nos punirmos a nós mesmos, os nossos pecados serão perdoados? – perguntou Lib.

– Ou os pecados dos outros – interveio a freira num fio de voz.

– Tal como diz a irmã – afirmou o padre –, desde que ofereçamos o nosso sofrimento num espírito generoso e que reverta para o bem dos outros.

Lib imaginou um livro-razão gigantesco, todo preenchido com débitos e créditos a tinta divina esborratada.

– Mas o fundamental a reter é que o jejum jamais deverá ser levado ao extremo ou, sequer, a ponto de prejudicar a saúde.

Um peixe demasiadamente escorregadio para arpoar, este.

– Assim sendo, por que razão pensa que Anna O'Donnell terá descumprido as regras da sua própria Igreja?

O padre encolheu levemente os ombros largos.

– Muitas foram as vezes em que tentei chamá-la à razão nestes últimos meses, suplicando-lhe praticamente para que comesse um pedacinho de o que quer que fosse, mas ela mantém-se surda a qualquer persuasão.

Mas o que teria esta fedelha mimada para conseguir enrolar nesta charada todos os adultos que a rodeavam?

– Chegámos – murmurou a irmã Michael, apontando para o fim de um trilho meio esvaído.

Certamente que não podia ser este o destino final. A residência dos O'Donnell? A casa, para não dizer cabana, precisava urgentemente de ser pintada. Um colmo escuro cobria três pequenos quadrados de vidro; mais ao fundo, via-se um pequeno curral de vacas entalado sob o mesmo telhado. Lib apercebeu-se de imediato da tolice das suas suposições. Se fora o comité a contratar as enfermeiras, então, Malachy O'Donnell não seria necessariamente abastado.

Parecia que tudo o que distinguia esta família das centenas de outros aldeões que lutavam pela vida por estas paragens era a sua crença, a reivindicação de que a filhinha conseguia viver apenas do ar.

Olhou para o telhado atarracado dos O'Donnell. Se o Dr. McBrearty não tivesse sido tão impulsivo a escrever para o *Irish Times* – agora, Lib entendia –, a palavra não se teria espalhado para lá destes campos alagados. Quantos dos seus amigos *influentes* teriam investido o precioso dinheiro, bem como o bom nome, nesta bizarra iniciativa? Teriam eles apostado que, terminada a quinzena, ambas as enfermeiras iriam jurar, submissas e solenes, pelo milagre – tornando assim este pobre vilarejo num maravilhoso fenómeno da cristandade? Terão eles querido comprar o patrocínio, a idoneidade conjunta de uma irmã da Misericórdia e uma Nightingale?

Os três subiram o caminho que dava diretamente para a pequena casa de campo – passando mesmo ao lado de um gigantesco monte de esterco, notou Lib, contendo um esgar de repugnância. As paredes grossas da cabana inclinavam-se sobre o solo. Uma vidraça partida da janela mais próxima estava tapada com um trapo. Havia uma meia-porta aberta em cima, como a baia de um cavalo. Mr. Thaddeus abriu-a com um empurrão e fez sinal a Lib para entrar primeiro.

Ela avançou na escuridão. Ouviu-se um grito de mulher numa língua que a enfermeira inglesa desconhecia.

Os seus olhos começaram a ajustar-se ao ambiente. Um chão de terra batida sob as suas botas. Duas mulheres, com aquelas toucas que as irlandesas pareciam nunca tirar, afastavam uma grelha de secagem da frente de uma grande lareira, que também funcionava como fogão. Após empilhar as roupas nos braços da mulher mais nova e mais franzina, a mais alta e mais velha apressou-se a ir apertar as mãos do padre.

Ele respondeu-lhe na mesma língua – gaélico, só podia ser –, até que passou para inglês:

- Rosaleen O'Donnell, sei que ontem já conheceu a irmã Michael.
- Sim. Bom dia, irmã – disse a mulher, envolvendo as mãos da freira nas suas.
- E esta é Mrs. Wright, uma das famosas enfermeiras da Crimeia.

– Oh... – Mrs. O'Donnell tinha ombros largos e ossudos, olhos verde-cinza e um sorriso sombrio. – Que Deus a abençoe por ter vindo de tão longe, minha querida senhora.

Seria ela assim tão ignorante a ponto de pensar que a guerra ainda assolava essa península e que Lib tinha acabado de chegar, ainda trémula e sangrenta, diretamente da frente de batalha?

– A sala boa estaria disponível para vós – Rosaleen O'Donnell sinalizou com a cabeça uma porta à direita da lareira –, se não fossem os visitantes.

De ouvidos atentos, Lib conseguiu distinguir o ténue som de alguém a cantar.

– Estamos muito bem aqui – garantiu-lhe Mr. Thaddeus.

– Deixem que vos ofereça uma chávena de chá, pelo menos – insistiu Mrs. O'Donnell. – As cadeiras estão todas lá dentro, daí que só me restem os *creepies* onde vos sentar. O marido está fora, a escavar turfa para o Séamus O'Lalor.

Os *creepies* só podiam ser os bancos de madeira que a mulher tratava, agora, de arrastar praticamente para cima das chamas – para instalar os seus convidados. Lib escolheu um e tentou afastá-lo um pouco do braseiro. Mas a mãe mostrou-se ofendida; era claro que em *cima do fogo* representava o lugar de honra. E, assim, Lib sentou-se e pousou o saco no lado mais fresco do chão, para que os seus unguentos não derretessem.

Rosaleen O'Donnell benzeu-se ao sentar-se, assim como o padre e a freira. Lib pensou em fazer o mesmo. Mas não; seria no mínimo ridículo começar a imitar as práticas dos locais.

A cantoria vinda da *sala boa* pareceu inflamar-se. A lareira abria-se para ambas as partes da casa, e Lib apercebeu-se então que todos os sons passavam através dela.

Enquanto a criada retirava uma chaleira sibilante do fogão baixo, Mrs. O'Donnell e o padre tagarelavam acerca dos chuviscos de ontem e do quão pouco habitual estava a ser aquele verão tão quente. A freira limitava-se a ouvir e, ocasionalmente, a murmurar um assentimento. Nem uma palavra acerca da criança.

O uniforme de Lib colava-se-lhe dos lados do corpo. Para uma enfermeira observadora, lembrou-se a si mesma, o tempo nunca

podia ser perdido. Reparou numa mesa lisa, encostada a uma parede sem janelas, ao fundo da sala. Uma cómoda pintada, com a parte de baixo gradeada como uma jaula. Algumas portas pequenas sulcadas nas paredes – guarda-loiças encastrados? Uma cortina feita de velhos sacos de farinha. Tudo bastante arcaico, mas pelo menos asseado e ainda não degradado. Subindo pelo ducto enegrecido da chaminé, via-se um entrelaçado de canas. Havia um quadrado oco, de cada lado da lareira, e aquilo que Lib julgou tratar-se de uma caixa de sal pregada lá no alto. Uma prateleira por cima da lareira, com um par de castiçais de latão, um crucifixo e o que parecia ser uma pequena imagem de daguerreótipo² numa moldura lacada preta.

– E como está a nossa Anna hoje? – quis saber finalmente Mr. Thaddeus, quando todos nós, criada incluída, beberricávamos, por fim, um chá forte.

– Suficientemente bem, graças a Deus.

Mrs. O'Donnell lançou um novo olhar ansioso na direção da *sala boa*.

Estaria a menina lá dentro, cantando hinos com os tais *visitantes*?

– Talvez possa contar às enfermeiras a história dela?... – sugeriu Mr. Thaddeus.

A mulher olhou-o com uma expressão claramente vazia.

– E que história pode ter uma criança?

Lib e a irmã Michael trocaram olhares, e a primeira tomou a palavra:

– Até este ano, Mrs. O'Donnell, como descreveria a saúde da sua filha?

Um piscar de olhos.

– Bem, ela sempre foi uma florzinha delicada, mas nada piegas nem irritadiça. Cada vez que fazia um arranhão ou lhe surgia um cravo, ela fazia disso uma pequena dádiva aos céus.

– E quanto ao seu apetite? – perguntou Lib.

– Ah, nunca foi sôfrega nem gulosa. Um tesouro de criança.

² Um dos primeiros processos de reprodução fotográfica e o primeiro a ser anunciado e comercializado. Foi inventado por Louis Daguerre, em 1839. (N. da T.)

– E no que diz respeito aos seus estados de espírito? – quis saber a freira.

– Nenhuma razão de queixa – respondeu Mrs. O'Donnell.

Este género de respostas ambíguas não deixou Lib minimamente satisfeita.

– A Anna frequenta a escola?

– Oh, sim! Mr. O'Flaherty sempre a teve como aluna preferida.

– E até ganhou uma medalha, não é assim? – observou a criada, apontando tão bruscamente para a cornija da lareira, que o chá quase lhe saltou da chávena.

– Estás certíssima, Kitty – anuiu a mãe, com um tom orgulhoso.

Lib procurou pela medalha e encontrou-a. Um pequeno disco em bronze, exposto num estojo de veludo, ao lado da moldura.

– Mas, depois de ter apanhado a tosse convulsa que contagiou a escola inteira no ano passado – prosseguiu Mrs. O'Donnell –, eu e o marido decidimos manter a *colleen* em casa, por causa da sujidade e das janelas sempre partidas a deixarem entrar correntes de ar.

Colleen parecia ser o nome pelo qual os Irlandeses tratavam toda e qualquer jovem rapariga.

– Ela estuda tanto ou ainda mais em casa, essa é que é essa, com todos os livros à volta dela. Como se costuma dizer, *o ninho é o bastante para a carriça*, não é assim?

Lib não conhecia aquela máxima. Continuou a pressionar porque, entretanto, ocorrera-lhe que a ultrajante mentira de Anna pudesse estar baseada nalguma verdade.

– Desde que ela está doente, já sofreu de distúrbios do estômago? – Lib considerou a hipótese de uma tosse violenta poder ter provocado uma rutura interna na criança.

Mas Mrs. O'Donnell abanou a cabeça, mantendo o sorriso fixo.

– Vómitos, obstipação, fezes moles?

– Só muito de vez em quando. À medida que foi crescendo, como é normal.

– Quer dizer que, até ela fazer onze anos – prosseguiu Lib –, descreveria a sua filha como delicada, e nada mais que isso?

A mulher pressionou os lábios gretados.

– A 7 de abril, fez ontem quatro meses certinhos, e da noite para o dia, a Anna não conseguiu comer nada, nem uma colher de sopa. Apenas a água de Nosso Senhor!

Lib sentiu uma onda de desagrado. Se isto fosse realmente verdade, que tipo de mãe descreveria este facto com tanto entusiasmo?

Mas é claro que não era verdade, recordou-se a si mesma. Das duas, uma: ou Rosaleen O’Donnell era cúmplice desta farsa ou a filha tinha conseguido enganar a própria mãe; no entanto, em qualquer dos casos, cínica ou crédula, a mulher não tinha razão para temer pela filha.

– Antes do seu aniversário, poderá ter-se dado o caso de ela se ter engasgado com algum alimento ou comido alguma coisa rançosa?

Mrs. O’Donnell eriçou-se:

– Não há nada de rançoso na minha cozinha.

– Chegou a implorar-lhe que comesse? – perguntou Lib.

– Nem imagina até que ponto.

– E a Anna não lhe deu nenhuma razão para a sua recusa?

A mulher chegou-se um pouco à frente, como que partilhando um segredo:

– Nem havia necessidade.

– Não havia necessidade de ela lhe dar uma razão? – estranhou Lib.

– Nunca precisou – disse Rosaleen O’Donnell, revelando, com um sorriso, a sua falta de dentes.

– De comida, quer dizer? – perguntou a freira, mal se ouvindo.

– Nem de uma migalha. É um milagre vivo, a minha menina.

Isto só podia tratar-se de uma performance muito bem ensaiada. À exceção daquele fulgor nos olhos da mulher, que, a Lib, parecia incrivelmente convincente.

– A senhora insiste que nos últimos quatro meses a sua filha continua de boa saúde?

Rosaleen O’Donnell endireitou-se, e o pouco que restava das suas pestanas vibrou.

– Não irá encontrar nenhuns falsos testemunhos ou imposturas neste lar, Mrs. Wright. Esta é uma casa humilde, tal como a manje-doura também o era.

Lib ficou confusa, a pensar em cavalos, até se aperceber a que é que a mulher se referia: Belém.

– Somos gente simples, o marido e eu – declarou Rosaleen O'Donnell. – Não sabemos explicar, mas a nossa menina está a prosperar pela providência especial do Todo-Poderoso. Não são todas as coisas possíveis para Ele? – Dirigia-se, agora, à freira.

A irmã Michael assentiu, ainda que levemente:

– Os Seus desígnios são misteriosos.

Então fora por isto que os O'Donnell haviam requerido uma freira – Lib estava agora praticamente convencida. E a razão pela qual o médico havia concordado com o pedido deles. Estavam todos a assumir que uma solteirona consagrada a Cristo seria mais dada a acreditar em milagres do que a maioria das pessoas. Mais influenciada pela superstição, diria Lib.

Mr. Thaddeus continuava de olhos atentos.

– Mas a senhora e o Malachy estão dispostos a deixar estas bondosas enfermeiras acompanharem a Anna ao longo da próxima quinzena, não é verdade, Rosaleen? Para que, depois, possam ambas testemunhar perante o comité?

Mrs. O'Donnell abriu os braços esqueléticos tão ferverosamente, que o xaile quase lhe caiu dos ombros.

– Dispostos e mais que dispostos, para podermos ver as nossas índoles tão respeitadas quanto as de qualquer alma, de Cork a Belfast.

Lib conteve uma gargalhada. Mostrar uma tal preocupação pela reputação, dentro desta humilde cabana, como se vivesse numa mansão...

– Que temos nós a esconder? – prosseguiu a mulher. – Não abrimos já as nossas portas a benfeitores dos quatro cantos do mundo?

Aquela grandiloquência fez Lib endireitar as costas.

– A propósito – disse o padre –, parece que as suas visitas estão de saída.

Os cânticos tinham acabado sem Lib sequer dar por isso. A porta interior abriu uma fresta, causando corrente de ar. A jovem enfermeira avançou uns passos e espreitou por ela.

A dita *sala boa* distinguiu-se da cozinha sobretudo pelo vazio do espaço. Para além de um guarda-loiça, com uns quantos pratos

e jarros atrás da vitrina, e algumas cadeiras de corda, nada mais existia. Meia dúzia de pessoas encontravam-se viradas para o canto da sala – um ponto que a vista de Lib não alcançava –, de olhos esbugalhados e brilhantes como se estivessem a assistir a uma deslumbrante exibição. Esforçou-se por ouvir-lhes os murmúrios:

– Muito obrigada, menina.

– Aqui tem mais duas imagens para a sua coleção, minha santa.

– Permita que lhe deixe este frasco de óleo sagrado que um primo nosso conseguiu que fosse abençoado por Sua Santidade, em Roma.

– Apenas umas quantas flores, menina, colhidas no meu jardim esta manhã.

– Mil obrigados, santinha. E... importava-se de beijar o bebé antes de sairmos? – Esta última mulher correu em direção ao canto, carregando o seu rebento.

Lib teve de resistir à tentação de abrir a porta para ver com seus próprios olhos o *fenómeno extraordinário* – não fora este o termo que aqueles aldeões haviam utilizado ontem à noite, quando entraram na salinha de jantar da mercearia? Sim, só podia ser sobre isto que eles se mostravam tão delirantes: não um bezerro de duas cabeças, mas Anna O'Donnell, o *milagre vivo*. E, pelos vistos, eram deixadas aqui entrar diariamente hordas de pessoas, para se prostrarem aos pés da criança. Mas que vulgaridade!

Houve aquele aldeão que referiu qualquer coisa pouco agradável acerca da *outra Malta* e de como *esperavam por ela de gatas*. Devia estar a referir-se a estes visitantes, mostrando-se agora tão ansiosos por acariciar a criança. Que pensavam eles que estavam a fazer, santificando à viva força uma criança por imaginarem que ela se elevava sobre as mais básicas necessidades humanas? Aquilo fazia lembrar, a Lib, as paradas no Continente, estátuas com vestidos bonitos passeando-se pelos becos fedorentos.

A Lib, todas as vezes dos visitantes soavam irlandesas; por isso, Mrs. O'Donnell estaria certamente a exagerar quanto aos *quatro cantos do mundo*. De repente, a porta escancarou-se e Lib recuou uns passos.

As visitas começaram a sair.

– ‘Nha senhora, isto é pelos seus incómodos – disse um homem de chapéu redondo, estendendo uma moeda a Rosaleen O’Donnell.

Ahã! A raiz de todos os males. Como aqueles turistas ricalhaços, tantos, que pagavam a aldeões para posarem com os seus violinos, já sem metade das cordas, à porta dos casebres de barro onde viviam! Os O’Donnell tinham de ser cúmplices desta fraude, decidiu Lib, e pelo mais presumível dos motivos: o dinheiro.

Mas a mãe escondeu as mãos atrás das costas.

– A hospitalidade não se cobra, caro senhor – disse-lhe.

– Para a doce menina.

Mas ela continuou a abanar a cabeça decididamente.

– Insisto – disse o outro.

– Deixe-a na caixa dos pobres, já que tanto insiste – pediu ela, apontando para um cofre de ferro deixado sobre um banco junto à porta.

Lib repreendeu-se por não o ter visto logo assim que entrou.

Todos os visitantes enfiaram as suas dádivas na fresta do cofre, antes de saírem. Algumas das moedas soaram bem pesadas a Lib. Tornava-se óbvio que a sirigaita era uma atração paga, tal como qualquer monólito ou crucifixo entalhado. E ela duvidava seriamente que os O’Donnell doassem um *penny* que fosse para os ainda menos afortunados do que eles próprios.

Enquanto aguardava que a multidão saísse, Lib deu por si suficientemente junto da cornija da lareira para poder estudar a imagem do daguerreótipo. De tonalidade algo fosca, fora tirada antes de o filho ter emigrado: Rosaleen, qual totem imponente; o adolescente esquelético escarrapachado ao colo dela, de um modo algo impróprio; uma menina sentada muito direita nos joelhos do pai. Lib aproximou-se mais do vidro da moldura. Anna O’Donnell tinha o cabelo tão negro quanto o da própria Lib, caído até aos ombros. Nada que a distinguisse de qualquer outra criança da sua idade.

– Podem ir para o quarto dela enquanto eu a vou buscar – disse Rosaleen O’Donnell, olhando para a irmã Michael.

Lib ficou desde logo tensa. Como é que a mulher estava a pensar preparar a filha para aquele escrutínio?

De repente, deixou de suportar o cheiro da turfa a arder. Balbuciou algo sobre precisar de respirar ar puro e saiu para o terreiro.